



Artes na formação docente e na
escola: um grupo-território cheio de
recantos. Grupo de Pesquisa sobre
Infância, Arte, Práticas Educativas e
Psicossociais (GIAPE)

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi [1]

Gabriela Maldonado Sewaybricker [2]

Rafael Romeiro Doin [3]



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



Resumo

O presente capítulo teve como objetivo refletir sobre as ações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) no contexto de uma universidade pública federal. Apresentamos o contexto, nossa identidade e um pouco da história dos trabalhos desenvolvidos, tais como pesquisas, cursos, eventos e projetos de formação realizados em instituições de Educação Infantil, que vem contribuindo de forma significativa para a formação de seus membros – estudantes de graduação e pós-graduação, professoras(es) de Educação Básica das redes de Sorocaba e cidades de sua região metropolitana, artistas, Arte/Educadoras(es), dentre outros profissionais – e de profissionais da Educação que trabalham com bebês e crianças de toda a Educação Básica.

Saudação

“Começamos reconhecendo que as águas e a terra em que nos reunimos estão em território tradicional e ancestral dos povos indígenas brasileiros. Agradecemos pela oportunidade de estar aqui neste instante, respeitando as culturas, a história e as tradições, aprendendo e compartilhando esperanças sobre educação, artes e amizade.”

A saudação tem dado abertura aos trabalhos que realizamos com intuito de situar no ofício docente o lugar do respeito àquilo que recebemos de nossos ancestrais, como também de manter viva a discussão sobre decolonização e colonização em lugares estratégicos, tais como na pesquisa, como propôs Jaider Esbell (2018). Conforme afirma este artista-pesquisador, como a colonização é densa, forte e permanente, nossos movimentos de desconstrução precisam da mesma forma ser um ato contínuo de deslocamento dos modos de ser e pensar, abandonando papéis colonizados e adentrando cosmovisões com outras respostas possíveis. Esbell (2018, p. 13) afirma: “Sem adentrar as portas das cosmovisões dos povos originários não há como discutir decolonização. Sem considerar as culturas mexidas e hoje abertas para a discussão com parte humana representada não há como discutir fronteira alguma.” Além de respeito, o reconhecimento confesso a quem veio antes de nós expressa gratidão a quem atravessou o tempo antes de nós e refletiu sobre modos de vida, modos de existir e de resistir.¹

1 Neste texto a saudação é ampliada a todos os povos indígenas. No site do Grupo de Pesquisa www.giape.ufscar.br a referência é feita de forma específica à cultura Tupi-Guarani por ser este o histórico indígena do território no qual se localiza o campus da cidade de Sorocaba, S.P., da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Este parágrafo inicial foi publicado também em Lombardi (2023).



Somos interdisciplinares: nossas distâncias nos somam para perto

“Distâncias somavam a gente para menos”
Manoel de Barros (2010, p.7)

O lirismo e o simbolismo alcançados pelo poeta brasileiro nascido à beira do rio Cuiabá, nos convidam a uma reflexão poética sobre como distâncias geográficas, emocionais ou conceituais por vezes podem, paradoxalmente, aproximar as pessoas. Assim adentramos o interior deste coletivo de pesquisa que se propõe a promover encontros entre dois profusos campos do conhecimento – Educação e Arte.

Falamos sobre algumas das ações por nós realizadas, reveladoras das tentativas de fomentar explorações e descobertas significativas sobre modos humanizadores de lidar com as problemáticas da educação das crianças de nosso tempo, de lutar pelas causas das múltiplas infâncias e da formação docente atravessada pelas culturas e artes.

Intentamos manter o foco na formação cultural e artística de professoras(es), mas nos constituímos com identidade interdisciplinar e, em certa medida, híbrida. O grupo acolhe pesquisadoras(es) de diferentes disciplinas acadêmicas para abordar questões de pesquisa que envolvam manifestações culturais e linguagens artísticas em relação à educação, com abordagens que combinam conhecimentos, métodos e perspectivas de várias áreas do conhecimento. Desde sua criação, no início do ano de 2014, já atuamos com pesquisadoras(es) de áreas como: Arte/Educação (Teatro, Dança, Música e Artes Visuais), Pedagogia, Psicologia, História, Geografia, Educação Infantil, Estudos do Corpo, Políticas Educacionais, dentre outras, cada pessoa trazendo seu conjunto de saberes para o debate.

A interdisciplinaridade remete à época da fundação do grupo que, desde sua concepção, desejava superar as limitações das óticas disciplinares tradicionais, que muitas vezes se concentram somente em aspectos específicos de um campo do conhecimento, ignorando a complexidade e a interconexão de demandas do mundo real.

Ao colocarmos em conexão nossos saberes, em virtude da afinidade de objetos de estudo, experimentamos meios de desenvolver abordagens que possam se deslocar do centro das áreas específicas em direção a lugares de interface, implicando em desprendimento de ideias, reorientação do olhar, ampliação de horizontes de referências, com a disposição explícita de aprender: valor este, indispensável ao exercício docente de pesquisar.

Ao buscarmos formas de atuar por meio da interdisciplinaridade não rejeitamos os conhecimentos disciplinares especializados. Ao contrário, os valorizamos e os articulamos para investigar situações específicas. Conforme Furlanetto (2011), os conhecimentos produzidos no interior das disciplinas, embora produzidos de maneira sistemática com base em princípios científicos, são uma construção humana artificial que, a despeito de terem por base o real, não se constituem no real. Quando cada disciplina científica



olha para o real tão somente a partir de suas tradições, fica impedida de abarcar a realidade em sua complexidade. Com base neste entendimento, estabelecer diálogos entre nossas áreas objetiva encontrar meios de atuação não exclusivamente a partir dos nossos territórios disciplinares, “mas nas bordas, assumindo, dessa forma, características de conhecimento de fronteira” (FURLANETTO, 2011, p. 52).

A questão do hibridismo parece ter aparecido como provocação estética e segue se movendo e se recompondo no GIAPE, a partir das próprias realidades das pessoas de diferentes origens culturais que se encontram no grupo. Desde o princípio decidimos que o grupo deveria acolher depoimentos dos membros que ilustram momentos significativos e conflitantes de suas práticas profissionais. Isto tem resultado – para além da interdisciplinaridade, que se refere à abordagem de integrar conhecimentos e métodos de diferentes disciplinas – em uma mistura de elementos culturais distintos que pode criar algo, uma possível cultura ou identidade cultural do grupo de pesquisa. Neste quesito, além de conduzirmos a embarcação, permitimos também que as surpresas da travessia nos revelem novos rumos: “Não sou eu quem me navega. Quem me navega é o mar.”[4]

Ser espaço de partilha e escuta é um dos nossos valores, desde a concepção do grupo. Conscientes de que o isolamento é uma das causas do *burnout* docente – mal-estar docente ou síndrome de exaustão profissional –, somado a elementos como a sobrecarga de trabalho, falta de recursos e condições dignas de trabalho, tencionamos combatê-lo. Este problema requer uma abordagem holística que envolve medidas tanto individuais, organizacionais como sistêmicas e acreditamos que o grupo de pesquisa possa exercer um papel fundamental em relação a demandas emocionais, cognitivas e relacionais da nossa profissão, particularmente suscetíveis ao *burnout*, tal como a solidão profissional.

Logo, em nossas reuniões existem tempos para que as pessoas participantes apresentem relatos em busca por solução de dificuldades. Não nos furtamos a lidar com problemas complexos trazidos à baila, problemas estes que, por vezes, não podem ser adequadamente abordados por uma única disciplina, um único modo de pensar. Acolher as demandas de membros em meio aos estudos e pesquisas é uma opção desafiadora devido à diversidade de perspectivas e realidades vividas por cada membro, mas também é altamente recompensador. Isto porque expandimos saberes e aprendemos juntas(os) possíveis soluções para entraves das práticas. Para além do exercício interdisciplinar, o hibridismo cultural – conceito diferente, embora ambos estejam relacionados às ideias de combinação e integração de elementos – parece nascer justamente desses tempos de escuta, que nos permitem recriar culturas por meio do entrelaçamento, negociação e incorporação de variadas identidades pessoais.

O que vimos percebendo relativamente à hibridização cultural é a necessidade de não cultivarmos uma pretensão de estabelecer identidades culturais *puras* ou *autênti-*



cas em nosso grupo. Ao contrário, vimos abrigando variados cruzamentos socioculturais, almejando processos que sejam mais democráticos e reivindiquem um mundo mais traduzível, ou seja, “convivível em meio às suas diferenças” (CANCLINI, 2019, p. 39). Acolher e respeitar diferentes possibilidades de ser em um mesmo território, abre fendas para diversas problematizações.

Abordagem epistemológica

O GIAPE foi proposto por uma professora-artista-pesquisadora que pertence ao campo da Arte/Educação cuja *episteme* e *logos*, como é consenso dentre suas(seus) pesquisadoras(es), é uma área determinada por diversas ciências, interligando saberes plurais. É um tanto quanto difícil, senão impossível, categorizar a Arte/Educação somente nas teorias da Educação, pois como revelam os termos do próprio binômio que o define, trata-se de um campo de conhecimento em si interdisciplinar, que abrange diversas abordagens teóricas e práticas de duas áreas amplas, *Arte* e *Educação*.

O GIAPE nasceu sob coordenação das Professoras Doutoras Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (líder) e Luciane Muniz Ribeiro Barbosa (vice-líder), ambas docentes do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar)². Em parceria também com a Prof^a. Dr^a. Izabella Mendes Sant’Ana Santos (DCHE), o grupo surgiu com o intuito de investigar temas voltados à infância e suas respectivas relações com os campos da Arte/Educação, das práticas e políticas educacionais e da Psicologia Escolar e Educacional. De forma articulada, traz à tona questões inerentes à concepções de infância, de criança, o trabalho pedagógico na Educação Infantil, as linguagens artísticas e expressivas na educação das crianças pequenas e na formação docente, além de intervenções psicossociais e trabalho interdisciplinar na rede de proteção a crianças e adolescentes.

Seria deveras frustrante se este capítulo se prestasse a listar autores(as) que justifiquem nossa aderência a certas teorias educacionais, artísticas e fundamentos da práxis educativa, já que vimos sustentando nossas ações em diversos movimentos. Correríamos o risco de falhar na menção a algum subgrupo teórico. As correntes principais que influenciaram até hoje nossos pensamentos, práticas e pesquisas estão principalmente na Pedagogia e na Arte/Educação, sem esquecer que Arte/Educação é uma área que tem suas bases epistemológicas em vários campos da ciência e das artes. Para tratar das questões fundamentais da Teoria do Conhecimento ou Gnosiologia – conhecer o objeto, problematizar o ato de conhecer, analisar o ciclo gnosiológico que acontece na interação entre docente e estudantes, refletir sobre e questionar a validade dos conhecimentos – a

2 A Dr^a. Luciane Barbosa mudou para a Faculdade de Educação da Unicamp, no Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais (DEPASE).



Arte/Educação não se fundamenta em um único paradigma ou construção intelectual. Morre a ilusão do porto seguro.

Nosso posicionamento em relação a objetivos e modos de pesquisar entende a pesquisa como criação e recriação a partir da práxis freireana. Assumimos as ideias de Paulo Freire como referência no que diz respeito à realização de uma educação humanista e humanizadora do ser humano. Consideramos que o pensamento crítico freireano permaneça atual e desafiador, tanto em aspectos pedagógicos que nos amparam em sala de aula como para embasar nossos projetos de pesquisa, em aspectos como: o conceito de práxis como teoria-palavra e ação com finalidade (*palavração* segundo o neologismo de Paulo Freire), enquanto modos de interpretar a realidade, refletir sobre o mundo e criar práticas que gerem transformação e superação da contradição opressor-oprimidos (FREIRE, 1981, 1987); propostas de leitura crítica da realidade, de desvelamento da codificação pela qual as culturas da classe dominante são transmitidas e impostas como verdades absolutas; nos métodos, como quando se observa Freire usando fotografias, desenhos, dramatização em torno de um fato concreto, e análise de modelos culturais dominadores no processo de “descodificar representações de sua situação existencial e de perceber sua percepção anterior dos mesmos fatos” (FREIRE, 1981, p. 43), buscando conhecimento cada vez mais crítico.

São muitas as frentes que um grupo de pesquisa interdisciplinar aborda e pode investigar: as infâncias, as artes, as práticas educativas e psicossociais. Nosso terreno é vasto e oferece muitas oportunidades para pesquisas significativas que podem contribuir para o entendimento e o aprimoramento da Educação.

Contexto e identidade

O Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais está localizado na UFSCar, *campus* de Sorocaba, uma cidade do interior paulista, atualmente, com cerca de 687 mil habitantes, tradicionalmente focada em instrumentalizar mão de obra para indústria e cujo primeiro curso de licenciatura em educação foi ofertado em 1955. A oferta de formação universitária para o magistério na cidade deu-se lentamente, em contrapartida ao aumento de creches como consequência do emergente número de famílias trabalhadoras nas fábricas (SEWAYBRICKER, 2021). Somente 54 anos depois é que se tornou possível o acesso ao curso de licenciatura em Pedagogia de forma pública e gratuita pela UFSCar e é nesse curso que tem origem o GIAPE.

O contexto universitário é fértil em ideias novas e discussões enriquecedoras para a abertura de concepções, o que influencia diretamente a prática profissional. Em um curso de Pedagogia, os debates e reflexões são fundamentais para a formação de docentes críticos e reflexivos sobre sua própria prática; prática essa que, se afastada dos debates



do seio acadêmico, de forma a não se relacionar com a teoria, corre o risco de ser submersa por ações mecânicas e desprovida de um olhar sensível para o humano.

É nesse contexto que nasce o GIAPE, como uma comunidade aberta ao diálogo e intersecção dos saberes entre diferentes profissionais, tendo como foco em comum a educação e as artes. Para esse grupo, o acolhimento é a prioridade, o estudo é o alicerce da prática cotidiana e o diálogo é disparador de reflexões que desestabilizam o senso comum. Assim como uma casa que está sempre com a mesa posta, o som com música em volume ambiente, pronta para receber a família, o GIAPE tornou-se um lugar para onde voltar, lembrando a seus membros de sua origem, seus valores e, acima de tudo, sua humanidade.

Nossa identidade está no campo da formação cultural e artística docente. Ela permanece a mesma desde a criação do grupo, apesar de ser maleável à coletividade que formata de modo específico nosso perfil, já que somos constituídos pela riqueza das subjetividades. A identidade do GIAPE é composta por um conjunto de características, valores, objetivos e práticas compartilhadas pelos membros. Apesar de nossas diferenças, os objetivos comuns de humanização do ser humano, de cultivo do respeito nas instituições educativas e melhoria da educação oferecida, orientam nossas atividades de pesquisa e determinam o propósito do grupo.

Formado no início de 2014, o grupo recebeu a certificação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em setembro daquele mesmo ano. O GIAPE faz parte da DIÁLOGOS - Rede Internacional de Pesquisa que envolve atualmente 12 grupos, núcleos e laboratórios do Brasil e do exterior, com o objetivo de realizar pesquisas em perspectiva colaborativa nas áreas de educação, linguagem e artes.^[5] Os membros desenvolvem estudos e ações ligados a três linhas de pesquisa, que são: Linha 1: Artes, Infâncias e Educação; Linha 2: Práticas Pedagógicas na Educação Infantil; e, Linha 3: Proteção Integral e Direitos da Criança e do Adolescente. É um grupo que se abre para as pesquisas em pós-graduação, mas também realiza a interface com ensino e extensão. É composto por docentes e pesquisadoras(es) da UFSCar, do Instituto Federal de São Paulo *campus* Sorocaba (IFSP) e congrega estudantes de graduação e pós-graduação, professoras(es) de Educação Básica das redes de Sorocaba e cidades de sua região metropolitana, artistas, Arte/Educadoras(es), dentre outros profissionais.

Pesquisas coletivas

Tendo a escola pública como lócus das atividades de extensão e parceira nas nossas investigações, nossos projetos de pesquisas coletivas vêm sendo realizados principalmente em torno da formação cultural e artística em contextos escolares. Acrescenta-se que o grupo se constitui em grande medida pelas investigações individuais de seus membros, cuja pluralidade de inquietações é desenvolvida por meio de pesquisas em



nível de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), Iniciação Científica (IC), Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Neste período de tempo de existência do GIAPE já foram realizados inúmeros estudos dentro de nossas áreas, sempre procurando manter o grupo como espaço formativo e fomentador das investigações de suas(seus) participantes.

Embora nosso foco esteja no campo cultural e artístico da docência, já realizamos pesquisas voltadas a outros temas, mais afeitos às linhas de pesquisa 2 e 3, como o projeto denominado *Mapeamento da rede de proteção à infância e adolescência*. A necessidade de formação sobre a violência contra a criança surgiu muito logo nas reuniões do GIAPE. Estudantes da graduação que iniciam seus estágios obrigatórios em Centros de Educação Infantil (CEIs) e professoras(es) de CEIs, principalmente, apresentam dificuldades em lidar com a percepção de crianças vítimas de negligência ou abuso. Relatam tanto não saber como proceder como também que a atitude de omissão é comum nas escolas, por diversas razões. Abusos ou maus tratos contra crianças e adolescentes acontecem de maneiras muito variadas, que vão de ações sutis às mais explícitas, se apresentando como um fenômeno social e cultural que exige urgente atenção.

A partir dessas demandas, o tema tornou-se objeto de um projeto de pesquisa coletivo do grupo. Fizemos encaminhamentos tais como criar uma Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) sobre este assunto, oferecida de 25/08 a 08/12/2017, coordenada pelas Prof^{as}. Dr^{as}. Izabella Mendes Sant'Ana e Prof^{as}. Dr^{as}. Lucia Lombardi, com a colaboração da pesquisadora do grupo Prof^{as}. Dr^{as}. Suzana Marcolino. ACIEPE é uma experiência educativa, cultural e científica que, articulando o ensino, a pesquisa e a extensão, envolvendo professoras(es), estudantes da UFSCar e pessoas da comunidade externa, procura viabilizar e estimular o seu relacionamento com diferentes segmentos da sociedade. A ACIEPE se constitui como atividade complementar inserida nos currículos de graduação, com duração semestral de 60 horas e 4 créditos.

Esta ACIEPE do GIAPE se configurou como um espaço de formação de mais de 90 estudantes de graduação, de pós-graduação, profissionais da educação das redes públicas estadual e municipal e privada, psicólogos escolares e assistentes sociais. Paralelamente parte dos membros empreendeu uma pesquisa bibliográfica. Em 2018, ao participar do 6º Seminário de Grupos de Pesquisa Sobre Crianças e Infância (GRUPECI): Diversidade e Participação em Pesquisas com Crianças e Infâncias, apresentamos resultados detalhados sobre os passos e resultados desta pesquisa coletiva (LOMBARDI; SANT'ANA; MARCOLINO, 2022).

Realizamos diversos projetos que investigam as práticas pedagógicas com as linguagens expressivas/artísticas na educação da primeira infância em Centros de Educação Infantil da cidade de Sorocaba. Acreditando que a pesquisa perca seu verdadeiro sentido se ocorrer de forma autônoma em relação ao processo social, nossa proposta almeja se



pautar nos anseios das(dos) docentes, gestoras(es), crianças e suas famílias a fim de contribuir com transformações na práxis. Utilizamos processos de formação na modalidade de Formação em Contexto, intervenção cooperada que é fundamentada teoricamente nas Pedagogias da Infância, nas teorias do jogo, das artes e da prática reflexiva.

Conforme destacam Santos e Araújo (2022), dentre as contribuições observadas desde as pesquisas do GIAPE, estão a atualização do debate em torno das questões prementes que motivam pesquisas no campo da Educação Infantil, as crianças e suas relações com as pessoas que atuam diretamente com elas nas creches e pré-escolas, notadamente professoras e professores. Ao mesmo tempo, os temas de pesquisas também são originados de pressões sociais do cotidiano, destacando a precarização das condições de trabalho docente e atendimento às crianças em creches e pré-escolas, descumprimento às políticas públicas para a infância (ou ainda inexistência ou ineficiências de tais políticas), inadequação de práticas em relação às concepções de criança e infância no que se refere às especificidades do trabalho pedagógico na educação infantil, dentre outras questões.

Realizamos investigações também sobre a atuação dos Fóruns de Educação Infantil de forma alinhada a outros movimentos em defesa dos direitos das crianças. Com as pesquisas “objetivamos apresentar a teia que envolve a luta pelo direito à educação a partir de diferentes perspectivas: das práticas militantes e do plano normativo-político” (ARAÚJO e SANTOS, 2022, p. 493) e constatamos que a concepção de Educação Infantil tida pelo governo impede o acesso à educação para todas as crianças. No entanto, investigamos as ações dos Fóruns vinculados ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil (MIEIB) e constatamos que a persistência na luta indica a resistência e legitimidade dessas organizações que visam “transformar a realidade, pois, para além da denúncia compreende-se a iminente necessidade de que a indignação se traduza em práticas propositivas” (ARAÚJO e SANTOS, 2022, p. 494).

No momento realizamos uma pesquisa colaborativa denominada *Abordagem das culturas e artes africana e afro-brasileira na educação das crianças e dos adolescentes de escolas públicas de Sorocaba, S.P.* [8], que objetiva conhecer como encontra-se a realidade de atuação docente no que diz respeito às Leis nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que estabelecem o estudo das culturas africana e afro-brasileira no âmbito de todo o currículo da Educação Básica. Almejamos contribuir com a formação de professoras(es) de escolas públicas das redes municipal e estadual de Sorocaba com avanços nos conhecimentos do ensino de Arte sobre a construção de pedagogias antirracistas.

Esta pesquisa nasce do debate sobre a desigualdade étnico-racial em nosso país, que não é recente. Conforme menciona Ana Cláudia Silva (2013), tradicionalmente a escola sempre contribuiu para o tratamento desigual dos indivíduos, ora por educar as



novas gerações, compreendendo a desigualdade enquanto um dos aspectos formais do sistema democrático, ora por privilegiar a homogeneização, que serve para encobrir circunstâncias excludentes. Entretanto, existe uma resistência que vem sendo travada pela sociedade civil organizada. Em 1950, o Teatro Experimental do Negro já realizava um movimento cultural de valorização da população negra e organizou o I Congresso Negro Brasileiro, cuja carta de intenções reivindicava a inclusão da História da África e dos africanos nos currículos escolares.

Em 1989, no âmbito do I Encontro Estadual de Educação Indígena do Mato Grosso, e em 1990, no I Encontro dos Professores Indígenas de Rondônia, professoras(es) indígenas redigiram documentos que solicitaram que a sociedade conhecesse as culturas indígenas nas escolas não indígenas como modo de aproximação dos diversos segmentos da sociedade por meio da educação. As conquistas mais recentes nas políticas públicas, na legislação educacional e em outras formas de combate à exclusão social, são frutos de longas lutas por respeito às diferentes culturas.

As oportunidades desiguais, situações injustas e excludentes não podem passar despercebidas por profissionais da Educação que assumem a responsabilidade de lutar por formas dignas de viver, abolindo discriminações históricas que atingem os grupos minoritários. Como afirma Ana Cláudia Silva (2012), o fenômeno da desigualdade social não está dado, mas se constrói e, porque se constrói, é que se pode se pensar em desconstruí-lo.³ O campo do ensino de Arte tem muita força na construção de uma educação antirracista na medida em que realize práticas que reconheçam, respeitem e valorizem as culturas africana, afro-brasileira e indígena com suas musicalidades, jogos e brincadeiras, danças, artes visuais, histórias e contos, dramatizações, teatralidades e outras materialidades artísticas.

Um pouco sobre nossos eventos

Desde sua fundação o GIAPE realiza muitos eventos que possam atender a demandas sociais de nossos campos. Empreendemos esforços para colocar em prática na formação docente a integração entre ensino, pesquisa e extensão universitária. Por isso, desde 2014 vimos realizando várias ações, dentre as quais: apresentações teatrais, formações de qualificação profissional, exposições de artes visuais, mesas redondas, palestras, seminários, projetos de visitas às artes (acesso cultural) e de formação de mediadoras(es) culturais, encontros científicos e Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPEs).

Por vezes, nos unimos a outras instâncias como aconteceu em 2015 na realização de duas edições do Simpósio Direito à Educação e a Judicialização da Educação Infantil,

3 Trecho publicado em Lombardi (2021)



iniciativa que nasceu dos debates em nossas reuniões trazidos por integrantes que também são membros do Fórum de Educação Infantil de Sorocaba e Região (FEISor). Em parceria entre Fórum e GIAPE, considerando os casos crescentes de judicialização da Educação Infantil para garantir o acesso às creches no município, tratamos da discussão acerca da Educação Infantil como direito social e a intervenção do Poder Judiciário nas questões educacionais em vista da proteção desse direito. Vieram outros eventos organizados com o FEISor, como: Educação Infantil em Luta, em abril de 2017; VII Encontro dos Fóruns Estaduais de Educação Infantil da Região Sudeste, em agosto de 2017; e. Exclusão das crianças e descaracterização da Educação Infantil, em março de 2018. Ainda apoiamos e participamos de outros eventos realizados em nosso *campus*, como o I Seminário Internacional de Educação Infantil e Infância: “Brincar e o cotidiano das crianças”, em setembro de 2017; I Jornada de Educação Infantil UFSCar campus Sorocaba – “As infâncias na Educação Infantil” em outubro de 2018 (SANTOS e ARAÚJO, 2022).

Destacamos o evento ao qual vimos dedicando especial atenção a partir do ano de 2016, relacionado ao tema da arte afro-brasileira. O grupo soma esforços à reflexão que acontece na formação de pedagogas(os) no âmbito das disciplinas relativas às artes e à educação do corpo no curso de licenciatura, pois acreditamos que além da presença obrigatória das culturas afro-brasileira, africana e indígena na dimensão do ensino, elas devem estar em outros espaços voltados à formação docente. Em função disso, dentre as atividades de extensão, promovemos um evento denominado *Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar*, que teve cinco edições até o momento da publicação deste artigo, e dá continuidade às iniciativas de formação cultural e artística ofertadas pelo GIAPE a membros da comunidade acadêmica e à população local. [6]

O 1º Simpósio recebeu como palestrantes Francione Oliveira Carvalho e Antônio Sampaio Dória. Carvalho, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), falou sobre *Imagens e vozes silenciadas: a presença negra na arte brasileira*, apresentando importantes pesquisas que hoje questionam as narrativas tradicionais da história e artistas que problematizam experiências da ancestralidade negra. O professor e escritor Antônio Sampaio Dória, foi convidado a falar sobre suas pesquisas materializadas no livro *O preconceito em foco: análises de obras literárias infanto-juvenis. Reflexões sobre história e cultura*, de 2008. Ele apresentou análises de obras de autores contemporâneos que refletem sobre o preconceito, ora denunciando, ora apontando para caminhos de superação. Como parte da programação, o público pôde apreciar a exposição *Cores da vida Dogon*, do fotógrafo Gianni Puzzo, pela parceria com a Prof^a. Maria Walburga dos Santos.

O II Simpósio de Arte Afro-brasileira da UFSCar teve uma programação intensa. À tarde assistimos ao espetáculo *Ilu Okan, o que minha vó contou*, do Grupo Trança de Teatro, formado por Clarice Santos, Fernanda Brito, Marco Antônio Fera, os músicos Fábio



Serra e Oziel Antunes, com dramaturgia de Daia Moura e direção de Lena Roque, apresentado ao ar livre, com acesso gratuito para toda a comunidade acadêmica interna e externa. Na parte da noite as palestrantes foram: Vanessa Garcia, professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Sorocaba, que falou sobre *A educação das relações étnico-raciais desde a Educação Infantil*; a diretora e atriz Lena Roque, que falou sobre *O teatro de negras e negros no Brasil*, destacando os valores da cultura negro-africana na cena teatral; Lourdes Liège, bailarina e diretora da Cia Abayomi'n de Danças Afro-brasileiras, que falou sobre *As danças de origem africana* e a luta pela sua sobrevivência através dos tempos.

A terceira edição, denominada *O que vai do ateliê do/da artista negro/a para o mundo?*, fez um convite à reflexão sobre o espaço do ateliê como um território de criação da produção de Flávio Cerqueira e de Priscila Leonel nas suas relações com a realidade cultural, social e política que se apresenta hoje. O tema da quarta edição foi *Qual a importância das políticas de ações afirmativas no campo da arte afro-brasileira?*, realizada no dia 21 de março de 2021, Dia Internacional contra a Discriminação Racial. Os temas de cada palestrante foram: Rosana Monteiro – *As ações afirmativas na UFSCar: contribuições e desafios para a igualdade racial*; Débora Rosa – *Arte afro-brasileira, memória e ações afirmativas*; Clayton Nascimento – *Re.Contar a nossa história a partir das lutas das pretitudes em cena: o sal da vida; e*, Daia Moura – *Arte negra: zona de respiro*.

O tema geral do V Simpósio, realizado em 30 de Novembro de 2022, foi *Arte e ancestralidade africana: influências na cultura brasileira*, tendo como palestrantes Júlio César Boaro falando sobre *Arte africana ancestral: os Yoruba* e Alessandra Moreira, sobre *Da cozinha para o Mundo (ou Museu), o lugar da arte e da mulher negra na sociedade*.^[7]

Considerações: as árvores nos começam

“As árvores me começam”
Manoel de Barros (1997, p. 32)



Narrar um pouco da história de um grupo de pesquisa é uma tarefa envolvente e desafiadora, que procuramos aqui empreender.

O símbolo do nosso grupo é uma árvore de folhas verdes, com tronco e galhos lilases, construídos pela letra A do GIAPE. Seu logotipo foi criado em 2014 pela professora Barbara Ginna, membro do grupo desde sua fundação. Essa escolha nos projeta como um grupo que, assim como a árvore, está conectado com a terra, o ar, nossos corpos, o território que habita, expandindo seus galhos, folhas, flores e sementes que seguem contemplando novos horizontes. É nessa linha também que priorizamos a defesa “de uma infância em que as crianças não esperem que as frutas caiam do pé, mas tenham liberdade de colhê-las” (SEWAYBRICKER, 2020), livres de projeções, com possibilidades para viver de forma integral.

Muitas pessoas constituem o grupo, pois nossa comunidade é dos membros, mas também das tantas outras pessoas-parceiras que já participaram dos cursos, processos de formação, eventos de extensão e projetos de pesquisa que organizamos dentro e fora dos espaços acadêmicos. A sensação que sentimos é de que precisamos expandir nossa árvore, sendo ela um espaço de aconchego, uma sombra refrescante para um dia quente, uma semente para ser levada com cuidado e afeto para outros tantos territórios que nem temos a pretensão de descobrir, pois a vida é dinâmica e os caminhos são tantos quantos sua imensidão possibilita.

Pensamos que, ao criar lembranças que proporcionem ação-reflexão e práticas humanizadoras, olhares afetuosos e críticos, junto a quem encontramos na jornada, estamos nos construindo e reconstruindo enquanto um coletivo. Nossa árvore se chama GIAPE. Esperamos que nos próximos anos mais vida se frutifique, com raízes no acolhimento, estudo, práticas, pesquisa e (re)construção de saberes que resistem. Que sejamos conectadas(os) rizomaticamente. Juntas(os) somos mais fortes.



Somos um grupo-território de escondedouros e recantos, passíveis de novas aberturas.

“Sou um sujeito cheio de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem hora leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e beethovens.
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.
O dia vai morrer aberto em mim.”
Manoel de Barros (1997, p. 45)

Referências bibliográficas.

- ARAÚJO, Bruna Paes Junqueira; SANTOS, Maria Walburga dos. **Atuação dos fóruns de Educação Infantil no Brasil: a luta pela efetivação do direito à Educação para a primeira infância.** In: Tancredi, Ana Maria Orlandina [et al.] Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias. Grupec (6: 2018: Belém - PA) Política, formação e prática educativa na infância [recurso eletrônico] 6º. Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias; -Belém: EDUEPA, 2022, volume III, p. 493-509. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/eduepa/index.php/2022/12/07/politica-formacao-e-pratica-educativa-na-infancia/> Acesso em: 07/06/2023.
- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada.** 5ª. Ed.. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.
- BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 02.Jan.2023
- BRASIL. **Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em 02.Jan.2023
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa, 4ª edição, São Paulo: Edusp. 2019.
- ESBELL, Jaider. **Makunaima, o meu avô em mim! Iluminuras,** Porto Alegre, v. 19, n. 46, jan/jul, 2018, p. 11-39. Disponível em: <https://www.jaideresbell.com.br/site/2018/08/26/makunaima-o-meu-avo%CC%82-em-mim/> Acesso em: 20.jun.2023
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.
- FURLANETTO, Ecilde Cunico. **Interdisciplinaridade: um conhecimento construído nas fronteiras.** International Studies on Law and Education, v. 8, mai-ago/2011, p. 47-54.
- LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Aprendizados de crianças pequenas no jogo dramático.** ENSINO & PESQUISA, v. 21, p. 188-201, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/7753> Acesso em: 21 jun 2023.
- LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Ressignificar existências e docências.** In: Martins, Mirian Celeste et al. (orgs). Formação de educadores: formação cultural: arte: docências: Pedagogia, São Paulo: LiberArs, 2021, p. 87-93. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/simp%3%B3sio> Acesso em: 12.set.2023
- LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos; SANT'ANA, Izabella Mendes; MARCOLINO, Suzana. **A Educação Infantil e a rede de proteção à infância.** In: Tancredi, Ana Maria Orlandina [et al.] Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias. Grupec (6: 2018: Belém - PA) Política, formação e prática educativa na infância [recurso eletrônico] 6º. Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias; -Belém: EDUEPA, volume III, 2022. p. 529-274. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/eduepa/index.php/2022/12/07/politica-formacao-e-pratica-educativa-na-infancia/> Acesso em: 22/12/2022.



- SANTOS, Maria Walburga e ARAÚJO, Bruna Paes Junqueira. **Das práticas e das políticas públicas para educação infantil: ações e interesses de um grupo de pesquisas**. In: Tancredi, Ana Maria Orlandina [et al.] (Org.). Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias. Grupec (6: 2018: Belém - PA) Infância, cultura, diversidade e inclusão [recurso eletrônico] / 6º. Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias; Belém: EDUEPA, 2022, volume II, p. 570-583. Disponível em: https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2022/02/criancas_infancias_v2.pdf Acesso em: 14 jun. 2023.
- SILVA, Ana Cláudia Oliveira da. **Diversidades etnicorraciais e a política educacional em Pernambuco: a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena como conteúdo curricular**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12827/1/Ana%20cl%C3%81UDIA%20%20Silva.pdf> Acesso em: 21 Set 2022.
- SILVA, Ana Cláudia Oliveira da. **A implantação da lei 11.645/2008 no Brasil: um histórico de mobilizações e conquistas**. In: Silva, Edson; Silva, Maria da Penha da (orgs.). A temática indígena na sala de aula: reflexões para o ensino a partir da lei 11.645/2008. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 101-135.
- SEWAYBRICKER, Gabriela Maldonado. **Memórias docentes e Educação Infantil: diálogos com a formação de professores na cidade de Sorocaba - SP**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13967>.
- SEWAYBRICKER, Gabriela Maldonado. **Memórias de infância: narrativas de pessoas velhas a respeito de ser criança no século XX na cidade de Sorocaba - São Paulo**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2020.

- [1] Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas (ECA USP). Mestre e Doutora em Educação (FE USP). Pós-doutoranda em Educação e Arte (Faculdade de Educação da USP, Brasil e The University of Melbourne, Austrália). Professora da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, área de Metodologia do Ensino de Arte, Corporeidade e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6978-864X>
- [2] Professora da Educação Básica da rede municipal de Sorocaba. Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Membro do GIAPE - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais, do CRIEI - Grupo de Pesquisa a Respeito das Crianças, Educação Infantil e Estudos da(s) Infância(s) e do Núcleo de Educação e Estudos da Infância da UFSCar, campus Sorocaba. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3821-6686>.
- [3] Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Membro do GIAPE - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais, do CRIEI - Grupo de Pesquisa a Respeito das Crianças, Educação Infantil e Estudos da(s) Infância(s) e do Núcleo de Educação e Estudos da Infância da UFSCar, campus Sorocaba. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4255-2407>
- [4] Versos escritos por Hermínio Bello de Carvalho e Paulo Cesar Baptista de Faria em "Timoneiro". Melodia do samba composta por Paulinho da Viola.
- [5] Endereço para acessar espelho do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3033192032065788 e Site do GIAPE: <https://www.giape.ufscar.br/>
- [6] Algumas edições do Simpósio podem ser assistidas no canal do YouTube do GIAPE: <https://www.youtube.com/@giapeufscar5320/featured>
- [7] Para conhecer as memórias do 1º e 2º Simpósios e assistir aos próximos, acesse: <https://www.youtube.com/@giapeufscar5320>
- [8] Aprovado pela Plataforma Brasil em 06/09/2022 e nº CAAE: 58646622.0.0000.5504